



Molusco de origem asiática que causa danos inclusive em hidrelétricas vem sendo atacado por FURNAS

Combate ao mexilhão

FURNAS implantou, no final de 2003, o Grupo Interno de Controle do Mexilhão-Dourado que se integrou à força-tarefa criada pelo Ministério do Meio Ambiente, para combater este molusco que chegou ao Brasil em águas de lastro dos navios provenientes da Ásia. Coordenado pelo Departamento de Equipamentos Rotativos (DER.O), o grupo conta, ainda, com a participação do Departamento de Engenharia Ambiental (DEA.E) e da Estação de Hidrobiologia e Piscicultura (EHPP).

Nesses quase quatro anos, diversas atividades foram realizadas, principalmente na região de influência das usinas de Itumbiara (MG/GO), Manso (MT), Marimbondo (MG/SP) e Porto Colômbia (MG/SP). Essas áreas são consideradas como as de maior risco de invasão, devido à proximidade com os reservatórios já infestados e a grande afluência de pescad-

res esportivos e profissionais. O grupo sugeriu à força-tarefa do ministério a quarentena para peixes transportados de uma bacia hidrográfica para outra, a utilização das equipes de hidrometria para vistoria e identificação de áreas infestadas, fiscalização de embarcações e programas de educação ambiental.

Segundo Fernando Blanco Resende, do DER.O, para tornar as ações mais eficientes, foi criado um núcleo regional e parcerias com outros órgãos da Empresa. "Buscamos a Coordenação de Comunicação Social para a produção de material gráfico, brindes, apoio a eventos e criamos a campanha Não dê carona a este bicho. Estruturamos um núcleo na usina de Porto Colômbia, e os próximos serão em Itumbiara e Manso. Desenvolvemos ações em conjunto com a Assessoria de Conservação de Energia e, com o Escritório de

Belo Horizonte e incluímos o Mexilhão-Dourado como tema do próximo concurso Amigos da natureza. Contamos, também, com a parceria da área de Operação e implantamos o Disque-Mexilhão", relatou Resende.

Pesquisa

Para evitar que o mexilhão chegue aos reservatórios da Empresa, o grupo investe em campanhas de esclarecimento nos eventos de pesca esportiva, congressos científicos e festas populares. A equipe também apóia ações de outras empresas do setor elétrico e iniciativas de governos estaduais, como os do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso, cedendo material gráfico.

De acordo com Rodrigo De Filippo, do Departamento de Engenharia Ambiental, além das campanhas, o grupo interno está desenvolvendo dois projetos de pesquisa. A Estação de Hidrobiologia e



Largada dos barcos em Festival de Pesca em Cáceres (MT); na página oposta, detalhe do adesivo Disque-Mexilhão distribuído em eventos de pesca esportiva; abaixo, infestação de Mexilhão-Dourado em tijolo

-dourado



Fotos: Arquivo FURNAS/ Rodrigo De Filippo

Piscicultura coordenará um projeto sobre influência da pressão e velocidade da água na capacidade de incrustação do molusco; e o DEA.E coordenará um estudo sobre o detalhamento da reprodução do mexilhão, resistência à exposição ao sol e possibilidades de controle biológico com espécies nativas.

O Mexilhão-Dourado (*Limnoperna fortunei*) é um molusco de água doce, nativo dos rios do Sudeste da Ásia. A primeira constatação de sua presença no país foi no Rio Grande do Sul, em 1998, na Lagoa dos Patos e no rio Guaíba. Originário da China, chegou à América do Sul lançado pelas águas de lastro dos navios mercantes, no rio da Prata, na Argentina.

Danos

Ao nascer, o molusco tem forma de larva microscópica que nada livremente na água até que se

incruste em alguma superfície dura, para se transformar em um mexilhão. O transporte é feito de diversas formas além da água de lastro de embarcações grandes: nos depósitos de água para consumo ou limpeza dos barcos; nos sistemas de resfriamento dos motores; incrustados nos cascos, cordas, âncoras e poitas; nos equipamentos de pesca; nos viveiros e iscas vivas; tanques de transporte comercial de peixes vivos; raízes de plantas aquáticas; transposição de águas entre áreas infestadas e não infestadas. O Mexilhão-Dourado pode colocar em risco o sistema de resfriamento das turbinas nas usinas hidrelétricas, prejudicar estações de tratamento de água, entupir filtros e sistemas de irrigação, afundar tanques-redes e bóias sinalizadoras de navegação.

As ações de prevenção incluem retirar qualquer vegetação e incrustação encontradas dentro e fora do

barco ou reboque; lavar o casco e outras partes do barco e do reboque com água sanitária, sempre que sair de um local de pesca para o outro; esvaziar, sempre em terra, qualquer reservatório de água que esteja no barco, inclusive os de iscas vivas; lavar os equipamentos e redes antes de usá-los em outros rios e lagos; não deixar a água utilizada na lavagem dos barcos e equipamentos escorrer para galerias de drenagem ou outros rios e lagos; não devolver para o rio qualquer resíduo de limpeza do barco e liberá-lo sempre em terra, distante da margem; pintar o casco com tinta anticrustante que não tenha a substância TBT, que é cancerígena; tratar com cloro as águas usadas para limpeza e consumo a bordo. 🌐